



**Residência pedagógica: Universidade e escola, teoria e prática na busca por
uma formação acadêmica significativa**

**Maria Priscilla Cavalcanti Melquiades /Cedu/UFAL¹
Pric200@hotmail.com**
**Silvana Paulina de Souza/Cedu/UFAL
silvanapaulina @uol.com.br²**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo focar o programa Residência Pedagógica, parte integrante da política nacional da formação de professores, numa perspectiva de praticar, nas escolas de Educação Básica, os conhecimentos adquiridos no campo teórico dentro da universidade. O questionamento que nos leva a essa discussão converge para pensar se é possível contribuir com a formação inicial docente na intencionalidade de unir os dois espaços de aprendizagem na busca por uma educação mais eficaz, por meio da observação, reflexão e de projetos para o desenvolvimento de atividades construídas coletivamente? No tocante ao Programa Residência Pedagógica, em fase de implementação, que busca a formação teórica e aplicação prática por entender que é importante realizar a prática a partir da formação inicial – Residentes, e continuada - Preceptores. De acordo com o exposto, para a produção deste texto seguimos os princípios da pesquisa qualitativa, com base na triangulação de dados coletados ao longo do estudo teórico inicial, experiências iniciais como participante do programa e pareceres dos debates na formação. Até este ponto, buscamos compreender as necessidades da escola pública e identificar o que se pode oferecer para as instituições escolares vinculadas, por meio de ações reflexivas, inclusivas e de significação das práticas pedagógicas enquanto graduanda de pedagogia e futura docente.

PALAVRAS-CHAVE: Residência-Pedagógica. Projetos. Registro. Formação. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica é uma ação que compõe a Política Nacional de Formação de Professores e tem por “objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.” (BRASIL, 2018). Na Universidade federal de Alagoas – Campus Maceió, Curso de Pedagogia, foi instalada por meio de um projeto de alfabetização e

¹ Aluna do curso de graduação em Pedagogia Licenciatura (7º Período) – Centro de Educação – CEDU - UFAL

² Professora do Setor de Planejamento, Currículo e Avaliação – Centro de Educação – CEDU - UFAL

letramento, pois compreende a necessidade de intercalar a prática do cotidiano escolar com os aspectos teóricos adquiridos na graduação.

Segundo as orientações da Capes, a “(...) imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora.” (BRASIL, 2018).

É uma oportunidade de ver na prática o que aprendemos na teoria, ou seja, realizar a práxis pedagógica. Os conhecimentos serão aplicados de acordo com o cotidiano e a rotina escolar, por meio de projetos construídos coletivamente, numa visão holística para com a criança, onde também se tem a intencionalidade promover o diálogo entre escola e universidade.

O Programa de Residência é dividido em etapas. O primeiro momento foi desenvolvido da seguinte forma: inicialmente, ocorreu com a formação inicial dos Residentes e das Preceptoras (da escola destinada a residência: Pompeu Sarmiento e Carmelita Cardoso Gama/CAIC), pela professora responsável pela Residência Pedagógica no Núcleo II de Pedagogia, depois a formação deu continuidade com as Preceptoras e apoio da Professora da Universidade. No segundo momento, em andamento, fomos às escolas para o primeiro contato para conhecimento da escola (estrutura, rotina) e, atualmente, estamos nos preparando para a elaboração do plano de ação; a construção do projeto de acordo com as necessidades relatadas pelas preceptoras, coordenadoras da instituição e observadas nesse período de formação. E por terceiro será composto pela prática com as crianças, desenvolvimento das atividades pré-estabelecidas no projeto.

A formação inicial foi de suma importância para entendermos o que iremos fazer no momento em que estivermos na escola posto que, para a maioria, esta seja a primeira experiência em sala de aula. O reconhecimento da escola (ambientes) e da gestão é essencial, antes do início das atividades com os alunos. Reconhecemos que é no espaço escolar que este trabalho será desenvolvido.

2 Formação teórica inicial: Um olhar sobre a criança, inclusão no processo pedagógico por meio de observações e de projetos de trabalho

A primeira visita à escola foi para conhecer um pouco da rotina, entender um pouco o que é o contexto da Carmelita Cardoso Gama/CAIC (escola na qual

desenvolveremos o programa Residência Pedagógica), também conhecer a gestão atual. Esta relatou as dificuldades e os programas que adentram a escola; como se dá o trabalho do CAIC nos processos de apropriação da leitura e da escrita pela criança desde a educação infantil, numa perspectiva de trabalho para a transição ao ensino fundamental, sem ferir as diretrizes curriculares. Este momento foi de grande aprendizado, no entendimento de que é necessário haver de fato uma educação que invista na formação que contribua para a compreensão da relação professor-aluno, e no observar – planejar – organizar o trabalho – interagir com a criança, pontos estes que de acordo com as duas coordenadoras são essenciais no processo escolar. Também a inclusão destas crianças no mundo da leitura e da escrita, que é o propósito do projeto.

A segunda visita à escola ocorreu num momento atípico da instituição: durante a semana da criança. Durante as atividades específicas deste período, pudemos observar melhor os alunos por meio das brincadeiras e atividades propostas, participando e colaborando com as preceptoras, professoras da instituição e gestão nas tarefas elaboradas para gincana em comemoração ao dia das crianças.

As ações iniciais basearam-se em textos de teóricos que contribuíram para pensar a inserção na escola, o registro e o planejamento das aulas.

Nas formações que ocorreram na universidade Federal de Alagoas (UFAL), teóricos formaram a base para os nossos estudos na perspectiva de aprimorar o conhecimento sobre projetos de trabalho e registro. Neste sentido, Fernando Hernández (1998) e Luciana Ostetto (2008), foram os autores que subsidiaram grande parte das nossas discussões, utilizando suportes que ajudaram a caracterizar melhor o universo escolar dentro da realidade da criança direcionado para a leitura e a escrita que é o foco do projeto. Como nos diz Arena (2013): “Todo projeto tem a ver com a cultura de um país”, o que enfatiza a necessidade dos projetos de trabalho estarem pautados na realidade do aluno.

Fazendo relação com Hernández (1998), no capítulo III, do texto intitulado como: “*Os projetos de trabalho e a necessidade de mudança na educação e na função da escola*”, faz-se necessário entender que não é possível construir um projeto que não seja direcionado para as necessidades dos alunos e nas mudanças sociais que ocorrem e refletem na vida escolar. O autor traz em seu texto que os projetos devem constituir um lugar e ser elaborados a partir da aproximação com o

aluno. Por isso, a relação entre professor e aluno, é parte importante do processo, sendo assim, é preciso: “Aproximar-se da identidade dos alunos e favorecer a construção da subjetividade, revisar a organização do currículo por disciplinas e a maneira de situá-lo no tempo e no espaço” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 61)

Nesta relação da vida com a sociedade HERNÁNDEZ traz uma proposta de Projeto de Trabalho onde os próprios educadores participam da criação. O autor defende também que os projetos devem ser alicerçados de acordo com as mudanças sociais que refletem na escola, neste sentido ressalta que:

Os projetos de trabalho supõem, do meu ponto de vista, um enfoque do ensino que trata de ressituar a concepção e as práticas educativas na escola, para dar resposta (não “A resposta”), às mudanças sociais, que se produzem nos menino, meninas e adolescentes e na função da educação e não simplesmente readaptar uma proposta do passado e atualizá-la. (HERNÁNDEZ, 1996, p. 64).

Fazer projeto não é simplesmente seguir um modelo pronto, de modo que não haja participação do próprio professor nesta construção. Faz-se necessário entender que é uma construção coletiva, numa perspectiva de uma escola nova que dialogue com todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, considerando três pontos: Observação – curiosidade dos alunos – identidade da criança (cultura, singularidade), valorizando a criança, o conhecimento e o currículo.

O professor por sua vez precisa ter autonomia e segurança para buscar seus meios para a construção do projeto, afastando-se daqueles que o faz refém do currículo. O currículo não deve estar fechado ao desenvolvimento de atividades pertinentes para os alunos; a técnica se faz necessária, porém é preciso fazer a relação do que tenho que ensinar com o que de fato é preciso ensinar, o profissional é o próprio professor para definir essa questão.

Em nossas reflexões no grupo de pesquisa tratamos o método como um orientador das ações em campo, não como um limitador, pois não há modelo único que alcance as necessidades de todos os alunos. Neste sentido Hernández (1998, p. 78), afirma que “Os projetos de trabalho não deveriam ser considerados como um algoritmo.”, Assim, é necessário dizer que os projetos não podem ser elaborados como algo inovador, que ocorreu em outro local, mais um projeto que tenha sua essência gerada na própria escola.

A concepção e promoção coletiva de um projeto que não seja de fato pautado na realidade social, cultural das crianças, não permitem mudanças em todos os envolvidos. A inclusão da criança na montagem do projeto é o primeiro passo para obter bons resultados, esta – a criança – não é apenas parte do processo mais sim, o foco de todo trabalho voltado para a escola.

Neste contexto, consideramos que todas as crianças, de todas as idades podem e devem participar da elaboração e desenvolvimento do projeto, assim as singularidades e necessidades individuais serão contempladas pelo coletivo.

O texto de Ostetto: “Observação, registro, documentação: Nomear e significar as experiências” (2008) nos propiciou a discussão sobre a importância do registro e da observação. A autora considera que isto deve se tornar uma rotina na vida do educador; sem resquícios de obrigatoriedade, de modo que, ao registrar, o professor avalie sua prática e ao planejar, pense em ações que se constituirão mais voltadas para seus alunos. Os atos de observar e de registrar são o ponto de partida do planejamento, que deve estar relacionado ao dia-a-dia dos alunos e não distante, registrar é significar e ressignificar a própria prática docente e também avaliar o trabalho, Para a autora é válido ressaltar que:

Ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados ou necessários. Por meio do registro, travamos um diálogo com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando respostas que vão sendo elaboradas no encadeamento da escrita, na medida em que o vivido vai se tornando explícito, traduzindo e, portanto, passível de reflexão. (OSTETTO, 2008, p. 13-14)

Registrar vem como uma atitude de avaliação por meio da reflexão sobre as ações, o que deu certo e o que não foi bom. Esse registro permite também uma nova postura para os planejamentos seguintes, numa espécie de construção pessoal e ao mesmo tempo enquanto professor é se constituir para mediar o conhecimento a base para construção do outro.

É necessário registrar o cotidiano das crianças e assim perceber as aprendizagens, nesse sentido, a autora retrata um pouco de sua experiência numa escola e sobre essa atitude de registro, enfatizando que: “Escrever o vivido: Marcas, rastros, memórias e criação” (OSTETTO, 2008, p.16). Este ato de registrar não é

algo isolado, mais uma atitude de refletir sobre o que foi feito, e o que está sendo feito, para planejar o depois.

Essa atitude possibilita a construção de memórias, onde o próprio educador pode avaliar-se e avaliar sua prática no cotidiano escolar, nas relações entre criança-criança, adulta-criança. É nesse olhar diferenciado das rotinas que é possível perceber o que está dando certo no planejamento, o que pode ser melhorado, o que deve ser excluído, de modo que, para Ostetto (2008, p.21):

Ao escrever e refletir sobre o escrito que, por sua vez, reflete a prática, o professor pode fazer teoria, tecer pensamento-vida. Escreve o que faz. Pensa o que faz. Compreende o que faz. Repensa o que faz. Redefine o que faz. Reafirma o que faz. Percebe limites e possibilidades de sua prática. Procura alternativas.

Essa possibilidade de reflexão é também uma formação continuada, ora, quando escrevo sobre o que faço, observo as ações das crianças, compreendo minha prática e como algo que deve ser modificado a partir das necessidades dos alunos. Estou me formando teoricamente, criticamente, na intencionalidade de aprimorar o trabalho docente, numa perspectiva de o que deve ser registrado seja de fato a rotina das crianças. Mas, que o olhar sobre registro não seja habitual e distante de amarras, obrigatoriedades, visto que esta atitude nasce da própria necessidade do professor de relatar suas vivências e a de seus alunos. Registrar é um processo de formação permanente que não deve ser algo pré-definido, e sim, pensado no processo e socializado entre os demais docentes, ressignificando a prática.

É perceptível que entre os textos de Ostetto e Hernández há uma ligação, de modo que, observação, registro e projetos devem estar pautados no cotidiano escolar, sendo essenciais para um bom desenvolvimento do trabalho docente, e conseqüentemente, um grande avanço no processo de ensino-aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de formação inicial do programa de Residência Pedagógica e diante dos textos estudados, suportes textuais e visitas a escola-campo, se fez necessário a priori compreender que a formação deve ser contínua, ou seja, mesmo

seguindo para o passo seguinte que é a proposta da residência, as formações, devem ser permanentes de modo individual. Pensar também coletivamente, sempre fazendo a interação entre o que a universidade propicia em termos teóricos, com o que a escola pode oferecer na prática cotidiana de sala de aula diante do projeto que será desenvolvido. É preciso trazer de fato um sentido e compreender os significados (VIGOTSKY, 1995) para a formação inicial, no caso dos Residentes, e formação continuada, no contexto os Preceptores, cooperando por meio das ações que serão desenvolvidas buscando, posteriormente, o melhor rendimento escolar dos alunos. Ao incluir estes no projeto e contribuindo também com o trabalho das preceptoras da escola e dos docentes como um todo, compreendemos que as ações do Programa podem contribuir para a formação dos professores nas duas etapas.

Entre outros programas de pesquisa, assim o estamos concebendo também, e formação que a Universidade oferece a Residência, embora seja algo novo, já se faz importante. Compreendemos que ele permite discussões várias, entre elas a que se refere à intenção de contribuir de forma prática, a formação inicial e acadêmica dos alunos de licenciatura, na intenção de também desenvolver projetos que sejam voltados para a própria realidade da escola, dos alunos, neste trabalho relacionados à leitura e escrita.

É válido ressaltar que embora haja um distanciamento entre escola e a universidade, é essencial que ocorra essa fusão, sendo a própria universidade um local de pesquisa e extensão, e a escola ambiente onde estará presente a base educacional. Percebemos que é preciso ver que teoria e prática devem estar sempre entrelaçadas, porém numa relação de práxis pedagógica. O pensamento de inclusão de todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem é de extrema importância, no sentido de que os saberes da universidade devem subsidiar as ações na escola.

Nesta perspectiva, significar a teoria e impregnar de sentido os saberes e entender que nenhum conhecimento é válido se não for passado adiante, se faz necessário. A escola é de fato o primeiro ambiente em que o pedagogo atuará e contribuirá para a compreensão dos vários porquês da educação básica. Por meio de observações e registros buscaremos refletir sobre as dificuldades que levam alunos do ensino fundamental a não serem alfabetizados. Analisar como podemos atuar, ao ver o aluno em sua singularidade, e entendendo a multiplicidade de

problemáticas que existem no ambiente escolar, a fim de contribuir utilizando os conhecimentos teóricos, que se traduzem na prática do cotidiano escolar.

O Programa Residência Pedagógica pretende de forma inclusiva, ajudar a escola também no processo de planejar, fazer, rever, ensinar, interação, buscar valorizar a identidade da criança, sua realidade, cultura, por meio dos pequenos avanços. Não é só construir um projeto de leitura e escrita e colocá-lo em prática, e esperar os resultados, mas é antes de tudo observar o processo. Compreendemos que é nele que consiste na prática do professor (preceptor, aluno (a) graduando), e conseqüentemente o crescimento da criança, intelectualmente, socialmente e criticamente. Não é apenas ensinar a ler e escrever, é participar e orientar o início da caminhada e deixar que o próprio aluno, vá trilhando e modificando o percurso, de acordo com seu desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Enfim, pensamos que o programa Residência Pedagógica é uma oportunidade de vivenciar os pilares da Universidade, pesquisa e extensão, e adquirir uma nova experiência acadêmica, dentro do âmbito escolar. É um momento de troca, de vivências, por meio de diálogos, formação, e a prática que também conduzem ao aprimoramento da didática do professor. Embora com outras etapas para a serem iniciadas, a Residência será e já é essencial para a minha formação, como graduanda em Pedagogia, como Residente e Professora, na qual já me encontro no exercício desta, e principalmente como ser humano que percebe que a teoria só terá significação na prática do cotidiano.

REFERÊNCIAS

ARENA, D.B. **Leitura e Alfabetização. Vídeo de Palestra** apresentada na Formação de Professores Orientadores- PNAIC – Polo Marília - 12 de Set de 2013.

BRASIL, CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**. Acesso em : 15/11/2018. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>.

HERNÁNDEZ.F; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

OSTETTO, L. E. (Org.) **Educação infantil: Saberes e fazeres formação de professores**. Coleção Ágere. Campinas, SP: Papyrus, 2008 –

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas**, Vol. III. Madrid: Visor. 1995.